FELGUEIRAS
(Vila Verde)

Vila Verde foi uma freguesia do concelho de Felgueiras, no distrito do Porto. Após a reorganização administrativa de 2013, foi agregada à localidade de Santão, passando a designar-se União das Freguesias de Vila Verde e Santão. A igreja de São Mamede dista cerca de 11 km da sede de concelho. Sair de Felgueiras pela avenida General Sarmento Pimentel em direção à estrada N101 e seguir durante cerca de 4 km. Virar à direita em direção à estrada CM1184 e depois à esquerda seguindo as indicações de Vila Verde até entroncar na estrada N15 seguindo as indicações para a igreja de São Mamede.

Localizada no lugar da Serrinha, a igreja de São Mamede ergue-se em monte aplanado, no cimo da encosta do monte sobranceiro ao vale de Vila Verde, território agrícola e pastoril, intimamente relacionado com o seu orago, São Mamede, protetor do gado, como assinalam Lúcia Rosas e Leonor Botelho. As autoras acrescentam que a igreja está implantada em lugar elevado testemunhando de forma ímpar a profunda relação entre a arquitetura românica e o território em que se inscreve, uma zona de transição entre a envolvente rural e outra em profunda transformação. Miguel Malheiro crê que antes da existência desta igreja existia aqui uma floresta de carvalhos-alvarinhos. Dois exemplares desta espécie autóctone, de grande porte, sobreviveram ao abate que conduziu à criação de clareiras para a criação de gado perto da igreja.

A igreja de São Mamede está afastada do aglomerado populacional, implantado no fundo do vale. Nas duas primeiras inquirições gerais do reino, de 1220 e 1258, Vila Verde integrava o julgado de Felgueiras, mas nas de 1288 passou para o julgado de Riba Tâmega. Antigamente, a freguesia era conhecida por São Mamede de Vila Verde, integrando o concelho de Unhão entre 1515 e 1836, passando depois para o de Felgueiras, após a extinção daquele.



Perspetiva aérea a partir de noroeste

Igreja de São Mamede

A REFERÊNCIA MAIS ANTIGA à igreja de São Mamede data das inquirições de 1220, integrando então o padroado do mosteiro de Pombeiro. Mendo Gonçalves e os restantes inquiridos afirmavam que o rei não detinha qualquer reguengo na freguesia nem recebia qualquer foro. Em 1258, nas inquirições gerais do reino, é registado que o conde D. Mendo, da linhagem dos Sousãos, deixara a igreja de *Sancti Mametis Ville Verde*, em testamento, ao referido mosteiro de Pombeiro e que parte dessa igreja era ainda dos netos do dito conde. Apesar desta igreja já estar mencionada na documentação do século XIII, o atual templo corresponde a uma reforma posterior.

Data de 1301 a doação da quintã de Vila Verde ao mosteiro de Pombeiro pelos irmãos Martim e Ana Eanes, sendo capelão Lourenço Martins. No exterior da porta ocidental estão atualmente depositados dois sarcófagos em granito, atribuídos a estes dois fundadores do templo. A anexação da igreja ao mosteiro de Pombeiro terá sido confirmada por D. Dinis, ficando o direito de apresentação reservado ao abade e convento do mosteiro.

A inserção de Vila Verde no padroado de Pombeiro, logo no início do século XIV, poderá ter justificado a reconstrução da "igreja velha" à maneira românica, ou seja, utilizando as técnicas construtivas, a planta e os alçados próprios da arquitetura românica, numa cronologia em que a arquitetura gótica era já dominante, como salienta Lúcia Rosas.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, de 1320, a igreja de São Mamede de Vila Verde, arrolada entre as igrejas de Sousa, foi taxada com a quantia insignificante de dez libras, refletindo a sua pouca importância económica.

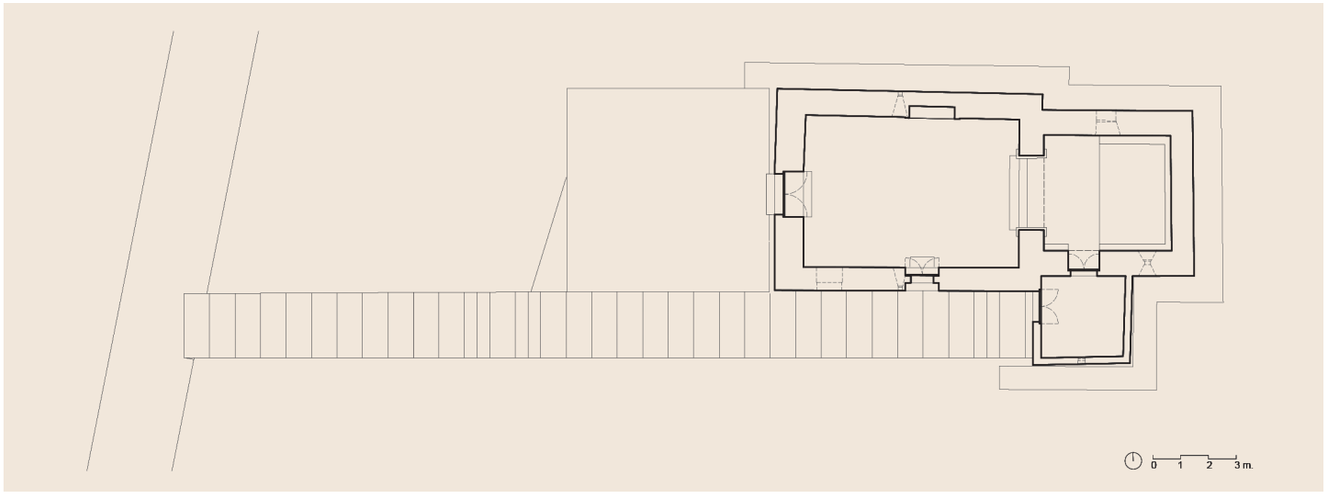
No início do século XVI, uma campanha de obras promovida pelo padroado de Pombeiro, responsável pela sua dotação artística, revestiu a igreja de pintura mural, numa clara intenção de notabilizar o espaço sagrado. Durante a época moderna, foram feitas algumas intervenções na igreja de São Mamede, sobretudo com o intuito de dar resposta aos novos preceitos litúrgicos aprovados no Concílio de Trento.

No início do século XVIII, São Mamede de Vila Verde pertencia ao concelho de Unhão, segundo o autor da *Corografia Portuguesa*. Era vigairaria do mosteiro de Pombeiro e tinha 45 vizinhos.

Francisco Craesbeeck dá-nos conta que, em 1726, havia na igreja além do altar-mor, três outros altares, informação reiterada nas Memórias Paroquiais de 1758. Segundo o vigário, o orago da igreja era São Mamede e o pároco

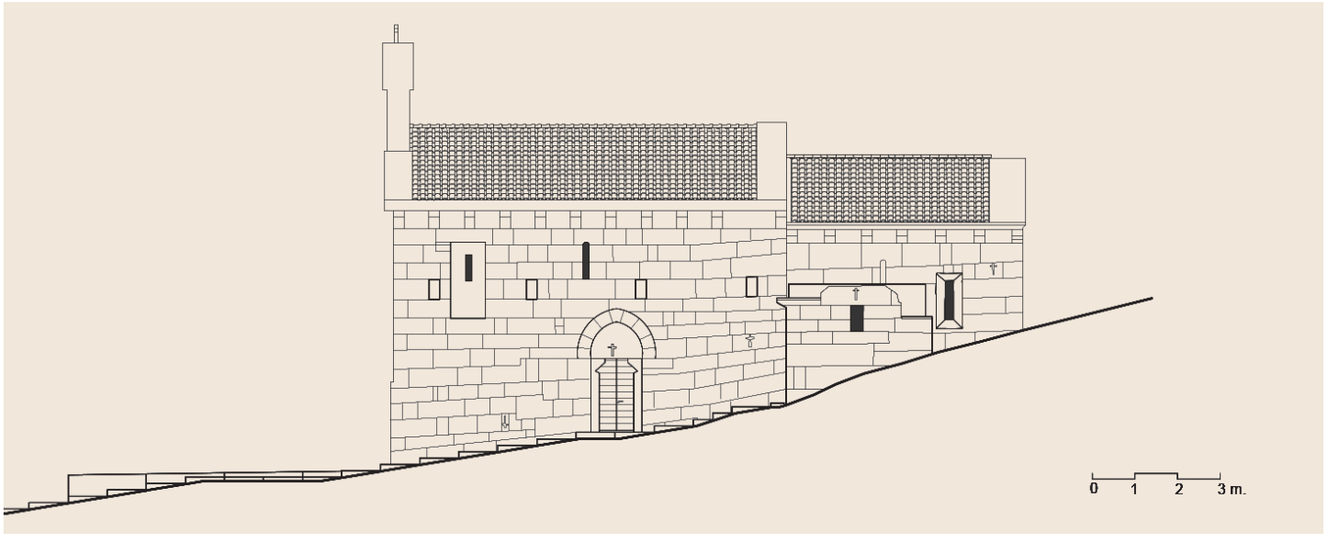


Perspetiva geral da igreja. Alçados oeste e sul



Planta

Alçado sul



era da apresentação do abade de Pombeiro. O vigário António Andrade Pacheco assinala a antiguidade da igreja, apesar de não haver memória da sua fundação, apenas que os antigos a atribuíam à rainha D. Mafalda, que também fundara a igreja de Cabeça Santa (Penafiel). O dito vigário acrescenta que, em 1743, houvera um deslizamento de terras por trás da capela-mor deixando a descoberto dois túmulos de pedra, da parte da Epístola, e que se colocaram junto à porta principal da igreja "para memoria da sua antiguidade". A igreja não sofreu qualquer dano com o terramoto de 1755. O mesmo vigário acrescenta que da freguesia de Vila Verde foram naturais Fr. Diogo da Conceição, Provincial Franciscano, João Correia Monteiro e João Monteiro seu filho, mestres entalhadores.

Em meados do século XIX, o culto foi transferido para a nova igreja, inaugurada em 1866.

Com a edificação da nova igreja em meados do século XIX, a igreja que existia desde o século XIII, pelo menos, passou a designar-se de "velha" e viu-se votada ao abandono e sequente degradação da sua estrutura. É na sequência da sua integração na Rota do Românico em 1998 que devemos compreender uma profunda campanha de obras. Os estudos prévios e as várias obras foram iniciadas a partir de 2003, ainda sob a alçada da já extinta DGEMN. A análise dos relatórios de obras então realizadas permitiu a Maria Leonor Botelho sistematizar o estado de ruína do edifício. Assim, era notória a proliferação de vegetação nos paramentos do edifício, bem como a desagregação de

rebocos e lacunas de alguns elementos de granito, principalmente nos coroamentos das paredes. Além disso, a total exposição dos paramentos verticais aos agentes atmosféricos, não permitiu uma maior resistência das argamassas, à base de saibro, existentes na consolidação dos paramentos verticais. Por fim, foi identificada uma fenda na fachada principal, no canto esquerdo da base, provocada pelo abatimento do terreno que a suporta. A profunda intervenção, além de ter despoletado em 2007 a abertura do processo de classificação acompanhado da definição de uma Zona Especial de Proteção (ZEP) em torno do imóvel, determinou a restituição material do edifício que hoje conhecemos, determinando assim a sua leitura.

Devidamente identificadas as patologias e o estado de conservação do conjunto arquitetónico, optou-se por realizar uma intervenção na igreja que lhe devolvesse a sua função cultual inicial. A responsabilidade do projeto coube ao arquiteto José Malheiro que, acima de tudo, procurou conservar os elementos remanescentes.

Assim, a igreja de São Mamede de Vila Verde, canonicamente orientada, compõe-se de nave única e cabeceira retangular, ambas de reduzidas dimensões. Vários autores notaram o caráter irregular da planimetria da igreja. Pais da Silva reconheceu o caráter paralelepipédico da nave. A abside, mais estreita e mais baixa do que a nave, encontra-se ligeiramente soterrada, ou seja, numa cota mais elevada, o que se justifica atendendo à inclinação da encosta. Internamente, três degraus compensam o desnível do terreno.

Luís Fontes publicou um aturado estudo sobre os paramentos desta igreja, tendo identificado várias fases construtivas. A sul, anexa-se pequena sacristia quadrangular que comunica com a cabeceira. A recente intervenção manteve a cobertura da igreja em duas águas, em ambos os corpos.

Porque a igreja chegou em ruína aos primeiros anos do século XXI, foi possível realizar um estudo aturado dos seus paramentos, nas faces interna e externa. Assim, segundo Luís Fontes, os silhares pseudo-isódomos relativos à fase de edificação correspondem a blocos graníticos de forma paralelepipédica, esquadriados sem especial cuidado e montados em fiadas horizontais, elevando, com ressaltos, paredes de dupla face ou paramento, com miolo preenchido por cascalho, calhaus e argamassa saibrosa.

A partir de este vemos, portanto, a parede testeira da cabeceira, onde se rasga estreita fresta, hoje entaipada. O



Perspetiva geral da igreja. Alçado norte



Alçado sul

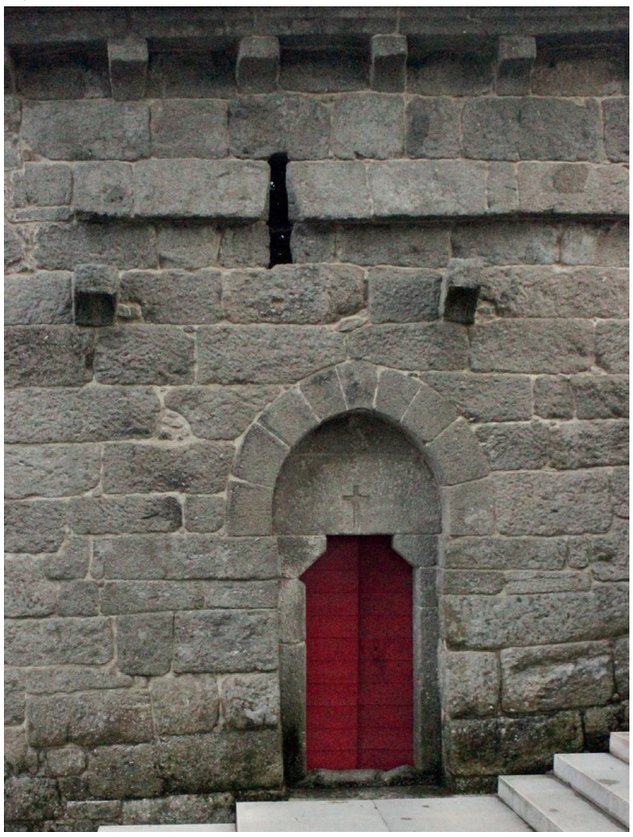
facto de estar soterrada permite a observação da empena este da nave e da sineira sobre a empena oeste.

Em ambos os alçados laterais persistem, ao nível do coroamento dos muros, um conjunto de cachorros lisos, com simples decoração moldurada ou com raros motivos tipo pinha ou rolos, que sustentam uma cornija de secção ligeiramente côncava. O caráter tardio da cachorrada de Vila Verde é-nos confirmado pela sua forma mais quadrangular.

Do período original persiste ainda a maior parte dos vãos de iluminação. As frestas estreitas, rematadas em arco de volta perfeita, ostentam uma abertura em capialço, ou seja, alargam do exterior para o interior. Inicialmente rasgavam-se duas frestas por cada lado da igreja, uma na nave e outra na cabeceira.

O portal sul, o único que permite o acesso lateral à igreja, inscreve-se na espessura do muro. Desenhado por arco ligeiramente quebrado, tem um tímpano sustentado por mísulas chanfradas e no qual se grava uma simples cruz, que em muito se aproxima a uma cruz de sagração. Maria Leonor Botelho notou que esta poderá ser bastante recente, sustentando-se no facto de que quando Jorge Henrique Pais da Silva estudou monograficamente este monumento, a propósito do IV Colóquio Portuense de Arqueologia, realizado em 1965, aludiu ao facto deste

Alçado sul. Portal





Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental

tímpano ser liso. A configuração do portal aponta-nos para uma cronologia tardia. A presença de quatro mísulas de suporte e de lacrimal confirmam ter aqui existido uma estrutura alpendrada, elemento característico da maior parte das igrejas românicas edificadas em território português.

A fachada oeste é, tal como o resto do edifício, bastante contida. Pais da Silva destacou a sua silhueta trapezoidal a que acresce o facto do portal principal da igreja se encontrar desviado do eixo longitudinal do edifício. A configuração do portal confirma a cronologia tardia desta igreja, porque se apoia diretamente sobre o ressalto inferior do muro, encontrando-se, assim, inscrito na espessura da parede. É formado por uma única arquivolta, definida por oito aduelas lisas de dimensões diferentes. O tímpano é liso e formado por duas lajes de tamanho desigual que se apoiam sobre lintel.

Sobre o portal, uma fresta em arco de volta perfeita que está também ela desalinhada em relação ao eixo maior do monumento. O campanário, também em arco de volta perfeita com cobertura triangular capeada, acentua a simetria e enfatiza a verticalidade do eixo central. No paramento é visível o desgaste provocado pelo tanger do sino.

O espaço interior conserva a espacialidade românica. Contudo, tanto o sistema de cobertura em madeira, como o mobiliário litúrgico, resultam da intervenção realizada já no século XXI e que procurou restituir à igreja a sua dignidade material e espiritual. Apesar do desgaste, ainda se identificam vestígios que correspondem a duas campanhas de pintura mural, atribuídas ao "Mestre de 1510" e ao pintor Arnaus, artistas de renome ao tempo. Segundo Leonor Botelho, no século XVIII, o aspeto do interior da igreja era bem diferente do atual. Os quatro retábulos, as imagens cultuadas e a pintura mural acentuavam a policromia do interior em contraste com o branco da cal que hoje impera. No século XIX, com a edificação da nova paroquial, ditou-se o novo destino deste edifício e seu espólio artístico integrado.

Durante o primeiro quartel do século XIII existiria seguramente uma igreja paroquial, consagrada a São Mamede, em Vila Verde. Luís Fontes propõe uma cronologia mais recente, em finais do século, como momento da edificação da igreja. Sustenta a sua proposta na instalação de Mendo de Sousa e família em Vila Verde, como também atentando a aspetos planimétricos, volumétricos e formais do próprio edifício. Lúcia Rosas considera a edificação deste edifício ainda mais tardia. Propõe esta autora que a igreja de São Mamede de Vila Verde terá sido construída no primeiro quartel do século XIV. A ser assim, terá substituído a edificação documentada pelas Inquirições de 1220. Segundo a autora, é na forma como os portais foram arranjados e na utilização predominante de cachorros lisos que se pode justificar esta proposta cronológica. A integração de Vila Verde no padroado do Mosteiro de Pombeiro logo nos primeiros anos de trezentos pode ter sido uma boa causa para esta reconstrução.

É, pois, certo afirmar que a igreja românica de São Mamede de Vila Verde se destaca não só pela sua cronologia tardia, como também pelas soluções arquitetónicas que a enformam. A longa permanência deste modo de construir, que chega até ao século XIV e por vezes até ao século XVI, conduz a que classifiquemos este tipo de igreja de "românico de resistência". Optando por classificar este edifício como "românico popular", Maria Leonor Botelho valorizou como aqui se recorreu a um módulo planimétrico comum à maior parte dos edifícios edificados durante a época românica, as reduzidas dimensões da sua fábrica e a simplificação dos elementos decorativos (ou mesmo a sua quase inexistência) coevos do momento da sua edificação, que coloca seguramente entre finais do século XIII e inícios do século XIV. Segundo esta autora, esta igreja pode ser entendida como um bom exemplo de objeto da cultura material, pela perduração que atesta das formas e das fórmulas românicas, de origem culta, numa longa cronologia e pela adaptação que delas fez tão sabiamente.

As intervenções levadas a cabo pela Rota do Românico do Vale do Sousa, desde 1998, resgataram a igreja velha de São Mamede de Vila Verde do estado de abandono em que se encontrava e devolveram-lhe a antiga dignidade. A igreja foi, finalmente, classificada como Monumento de Interesse Público em 2012. Delimitou-se, então, ainda a sua Zona Especial de Proteção (ZEP).

Texto: MLB/JL - Fotos: RR/MLB - Planos: MF/MS/NB (sobre RR/MM)

Bibliografia

Afonso, L.U., 2009, II, pp. 844-851; Almeida, F., 1971, IV, p. 106; Bessa, P., 2007b; Boisselier, S., 2012, p. 149; Botelho, M.L., 2010e; Botelho, M.L. e Rosas, L.M.C., 2015, pp. 47-61; Costa, A.C., 1706-12, I, pp. 127-128; Dias, G.J.C., 2011, pp. 163-168; Fontes, L. *et alii*, 2010; GEPB, 1935-60, XXXVI, pp. 42-43; Malheiro, M. *et alii*, 2011, pp. 15-16; Mem. Paroq. 1758 (2009), pp. 263-266; Pmh, Inq., pp. 72, 165, 208 (de 1220) e pp. 409-410, 557 (de 1258); Rosas, L.M.C., 2008a, pp. 356-367; Rota do Românico; Silva, J.H.P., 1986; SIPA; Sottomayor-Pizarro, J.A., 2015b, pp. 22-38.